Entre Passado e Presente: personagens e temas na dramaturgia de Jorge Andrade

Luiz Humberto Martins Arantes *

Resumo:
Este texto pretende introduzir o leitor no universo da dramaturgia de Jorge Andrade, o qual, nos anos 50 e 60, propôs uma escrita teatral calcada em personagens e temas da história brasileira.

Abstract:
This composition intends to introduce the reader to the Jorge Andrade's drama's universe, which, in the 50's and 60's, proposed a dramatic writing based on characters and themes of the Brazilian history.

Quem observa o teatro paulista e brasileiro na segunda metade do século XX irá, com certeza, encontrar o nome de Jorge Andrade (1922-1984). Ele é, ainda hoje , considerado um dos dramaturgos que mais escreveu e, conseqüentemente, mais foi encenado no Brasil.

Sendo natural natural de Barretos/SP, até os trinta anos, Jorge Andrade quase não manifestou seu desejo de escrever para teatro. Após desavenças familiares sobre sua vida profissional, o autor resolveu cursar a escola de Arte Dramática (EAD) (Silva, 1989) de São Paulo. Como aluno das primeiras turmas - 1951 -, logo percebeu sua tendência para a escrita. Paralelo à uma formação técnica, investiu também num sólido conhecimento sobre história da cultura brasileira.(Andrade, 1978)

Na sua dramaturgia, escrita nos anos 50 e 60, vários temas são teatralizados pelo autor: a crise das elites cafeeiras, a família brasileira, a industrialização e a relação imigrante/nacional no Brasil.

Todos esses temas são amalgamados em textos que dialogam com uma carpintaria teatral que remonta ao realismo psicológico, à dramaturgia do russo Anton Tchekov, além de outras referências. Se as primeiras peças são mais calcadas na estrutura do drama, o mesmo não acontece com aquelas escritas no início dos anos 60, pois, sendo elas mais cômicas, indicam que, ao se distanciar do espaço rural, o dramaturgo foi também se desvencilhando da

* Mestre em História pela UNESP-Franca e Doutorando em História pela PUC-SP. Autor do livro *Teatro da Memória: história e ficção na dramaturgia de Jorge Andrade.* São Paulo: Annablume, 2001.

sensação de perda de referenciais. Há, assim, uma mudança de foco, pois, ao tratar da crescente urbanização e da presença do imigrante italiano, Andrade prefere a comicidade e, dessa forma, através do riso, procura dar outro tratamento àqueles que foram os responsáveis pelas perdas de dada tradição. Naquele momento, ainda muito presente em sua memória.

No chamado ciclo andradino, que compreende os textos escritos entre 1951 e 1969 e cuja organização recebeu o nome de *Marta, a Árvore e o Relógio*, foi publicado em 1970. No referido volume, a organização dos textos obedece a uma ordem cronológica presente nos enredos e não apenas à ordem contextual em que foram escritas. Assim, uma peça como *As Confrarias*(Andrade, 1970:21-70), escrita em 1969, aparece como a primeira peça da obra, justamente porque seu enredo está situado em Minas Gerais do fim do século XVIII, no qual o dramaturgo tematiza a questão da opressão a que a figura do artista/ator é sempre submetido em tempos de censura.

Logo depois, vem *Pedreira das Almas*(Andrade, 1970:71-116), sendo de 1957, mas com enredo ambientado em 1842, já é um texto em que o dramaturgo está dialogando com o forte tema das tradições. Fazendo referência à cidade histórica de São Tomé das Letras/MG, o dramaturgo tensiona o pólo da tradição (Urbana) e da transformação (Gabriel). Se a velha senhora quer permanecer em suas terras, o jovem quer a mudança e a distância do passado, o qual, mais parece-lhe um amontoado de mortos.

Deixando as raízes mineiras, o dramaturgo começa então a adentrar o território paulista, e é com *A Moratória* (1954)(Andrade,1970:117-188), que Jorge Andrade chega à crise dos anos 30 em São Paulo. O enredo gira em torno do personagem Joaquim e seus filhos. Ele é um velho fazendeiro que com a crise econômica perde seus bens e, assim, tem de morar numa pequena cidade, onde sofre as agruras da inadaptação e o desejo de retorno às suas origens. O tema tem tratamento semelhante na peça *O Telescópio* (1951)(Andrade, 1970: 189-228), na qual o leitor encontra o personagem Francisco em meio a desavenças com seus filhos, os quais, já residentes na cidade, resolvem retornar pensando em dividir a herança com o pai ainda vivo. É a tensão rural/urbano dando sinais de que o dramaturgo estava antenado com os principais problemas atravessados por seu país.

Se o tema da tradição, suas raízes e seus valores, foi uma recorrência nos textos até aqui lembrados, a figura do excluído social, como o ator José de *As Confrarias*, é retomado com o texto *Vereda da Salvação*. (Andrade, 1970:229-280) Em breve resumo de enredo, pode-se dizer que *Vereda da Salvação* sinaliza uma mudança de foco na dramaturgia de Jorge Andrade. Habituado com a criação de personagens oriundos das elites rurais decadentes há, nesta peça, uma atenção maior para com os problemas dos oprimidos.

Iniciado em 1957 e concluído em 1963, o texto *Vereda da Salvação* retrata ficcionalmente a radicalidade religiosa dos membros da Igreja Adventista

da Promessa que, em êxtase pelo ardor religioso da Semana Santa, mataram quatro crianças que estariam sendo assediadas pelo diabo.

Divididos entre os personagens Joaquim (pólo ideal) e Manoel (pólo real), os camponeses vão aos poucos sendo contaminados pela fé cega do jovem Joaquim. Este, já cansado da exploração dos proprietários de terra, acredita que a salvação está na subida ao céu.

Reunidos e crentes no milagre, os camponeses são, ao fim, massacrados a tiros pela polícia dos latifundiários.

Em seguida, o leitor de *Marta, a Árvore e o Relógio* pode encontrar a peça *Senhora da Boca do Lixo* (1963)(Andrade, 1970:281-338), na qual, o dramaturgo retoma o tema da decadência das elites cafeeiras que, já situadas no ambiente urbano, ainda demonstram desconforto com as novas profissões e exigências que a cidade passa a simbolizar.

Jorge Andrade irá persistir nessa direção com mais dois textos: *A Escada* (1960)(Andrade, 1970:339-394) e *Os Ossos do Barão* (1962)Andrade, 1970: 395-454). No primeiro ele já abandonou o espaço horizontal da fazenda e assume a verticalização da cidade como ambiente cênico, onde os personagens Antenor e Elvira, já sem as propriedades do passado, são obrigados a, mensalmente, circularem pelos apartamentos do filhos, até que os mesmos resolvam enviá-los a um asilo. Mas, a cidade como núcleo da moderna industrialização só se concretizará na peça *Os Ossos do Barão*, pois, será com o personagem Egisto Girotto que Jorge Andrade irá inserir com maior profundidade a figura do imigrante em seu teatro. Sendo proprietário de uma tecelagem, Egisto conseguiu acumular considerável riqueza a partir das lavouras de café e, frente à crise de 1930, consegue arrematar as terras de seu antigo patrão: o barão de Jaraguá. No decorrer do enredo o leitor é informado das intenções de Egisto, que deseja unir as duas tradições, antes separadas. Ao tramar o casamento de seu filho Martino com a filha de Miguel Taques - Verônica - Egisto quer aproximar o nacional e o estrangeiro.

O encerramento do volume se dá com dois outros textos: *Rastro Atrás* (1966) (Andrade, 1970:455-526)e *O Sumidouro* (1969). Se até aqui a direção do dramaturgo parecia indicar o rumo da cidade, com o texto *Rastro Atrás* há uma mudança de foco, pois o enredo remete o leitor a acompanhar o personagem Vicente no retorno à cidadezinha de Jaborandi, um lugarejo estagnado que se afastou do tempo das grandes metrópoles. No seu retorno ao interior, ao passado, ao seu próprio eu, o personagem revive a infância e os traumas familiares.

O fechamento do ciclo se dá justamente com a peça a ser escrita por último: *O Sumidouro* (1969)(Andrade, 1970:527-594). Mais uma vez o dramaturgo quer alcançar as origens, retornar ao passado. Para tanto, faz com que se encontrem no enredo os personagens Vicente e Fernão Dias e, assim, a partir dos olhos do primeiro quer julgar esse passado distante, recheado de bandei-

rantes e falsos heróis.

Pode-se perceber que é uma escrita teatral na qual aparecem figuras *como os 'típicos coronéis' em decadência: Francisco, Joaquim, Antenor e suas* respectivas esposas: Rita, Helena e Amélia, mulheres que fizeram do doméstico a extensão da produção. Surgem brasileiros como Sebastião de *O Telescópio* (1951), Lucília e Marcelo de *A Moratória*, que entendem a cidade e o trabalho operário como um castigo, uma tarefa para a qual não foram preparados. O caipira Bié de *O Telescópio* é o brasileiro que vê na ociosidade - caçadas - uma forma de sobrevivência. Os profissionais liberais, sempre característicos do meio urbano de Jorge Andrade, também não foram esquecidos pelo dramaturgo. Os personagens Luís de *O Telescópio*, Olímpio de *A Moratória* e Francisco de *A Escada* ilustram essa atenção.

Os distanciamentos e aproximações da sociedade brasileira com a questão racial aparecem bem na peça *A Escada*. Os personagens Omar e Zilda lamentam o apego ao passado por parte de seus familiares. Ele, filho de negros e ela filha de antigos barões, famílias que trazem as marcas de um passado socialmente diferenciado.

Neste país de fazendeiros, mulheres, operários, caipiras, advogados, negros e brancos, o dramaturgo não poderia deixar de inserir o imigrante e o industrial. Intenção que se realiza com os personagens Egisto e Martino de *Os Ossos do barão.*

Se, por um lado, o meio social do qual Jorge Andrade é originário - elites cafeeiras - é presença marcante em seus textos, por outro, não deixou de trazer para os mesmos as mais variadas partes de um país que se construía a partir do conflito das diferenças.

Os textos de Jorge Andrade ao chamarem para a aludida passagem do rural para o urbano, sintetizam, como representações, esse momento de formação e de diálogo com a realidade individual e coletiva. Nos seus textos, o indivíduo e o grupo dissolvem-se numa busca das raízes do homem brasileiro. Tal tarefa vem à tona carregada de melancolia e de sensação de perda. Afinal, é o desprendimento da família e o encontro com outro meio social: a vivência teatral. É ainda o momento de mudança espacial, pois acabara de deixar o mundo sem fronteiras e horizontal da fazenda para adentrar o espaço verticalidade da cidade.

No decorrer dos anos 50 e 60, quando vários segmentos da sociedade brasileira estavam preocupados ora com nacionalidade e ora com imperialismo, o dramaturgo Jorge Andrade, através de seus textos e personagens, deixou sua contribuição ao debate.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Jorge. *Labirinto.* São Paulo: Paz e Terra, 1978

_____. *Marta, a árvore e o relógio.* São Paulo: Perspectiva, 1970

SILVA, Armando Sérgio da. *Uma oficina de atores.* São Paulo: Edusp, 1989.